

ENAMORADA / 1946

(*Enamorada*)

um filme de Emilio Fernández

Realização: Emilio Fernández / **Argumento:** Iñigo de Martino, Benito Alazraki e Emilio Fernández / **Fotografia:** Gabriel Figueroa / **Música:** Eduardo Hernandez Moncada; canções: Pedro Galindo (La Malagueña) e Schubert (Ave Maria) / **Direção Artística:** Manuel Fontanals / **Figurinos:** sobre desenhos de Armando Valdés Peza e X. Peña / **Montagem:** Gloria Schoemann / **Intérpretes:** MARIA FÉLIX (Beatriz Peñafiel), Pedro Armendáriz (general José Juan Reyes), Fernando Fernández (padre Rafael Sierra), José Morcillo (don Carlos Peñafiel), Eduardo Arozamena (Joaquin Gómez, presidente da Câmara), Miguel Inclan (capitão Bocanegra), Manuel Dondé (Fidel Bernal), Eugenio Rossi (Eduardo Roberts), Norma Hill (Rosa de Bernal), Juan Garcia (capitão Quiñones), José Torvay (Apolónio Sanchez), Pascual Garcia Peña (demagogo), Arturo Soto Rangel (juiz), Enriqueta Reza (Manuela), Rogelio Fernández (Rogelio), menina Beatriz Gernán Fuentes (Adelita); intérpretes musicais: Trio Calaveras, Coro Infantil de la Catedral de Morelia.

Produção: Panamerican Films, Benito Alazraki / **Cópia:** Ficheiro digital, preto e branco, versão original com legendas eletrónicas em português, 97 minutos / **Estreia Mundial:** cinema Alameda, Ciudad de Mexico, em 25 de Dezembro de 1946 / **Estreia em Portugal:** Condes, em 29 de Agosto de 1953.

Depois de Dolores Del Rio, Maria Félix é a intérprete principal de outro ciclo de filmes de Emilio Fernández, ciclo esse que começa exactamente com **Enamorada** e a que se seguirão **Rio Escondido** e **Maclovía/Beleza Maldita**. Se esta trilogia prolonga a série de retratos femininos em que foi pródigo Fernández, ela muda de perspectiva em comparação com a tetralogia anterior, o que resulta mais da personalidade das actrizes e da "imagem" que transmitiam ao público do que um qualquer interesse específico do realizador neste campo. A mulher sofredora, característica de Dolores Del Rio, dá lugar à mulher enérgica, marca de Maria Félix, à mulher vítima sucede a manipuladora. Ou melhor à "passividade" que regra geral é atribuída à mulher, sucede uma personagem "activa". Esta era a característica das criações de Maria Félix na tela, desde **Doña Barbara**, o filme de Fernando de Fuentes que impôs essa imagem, e que se desenvolveu em **La Mujer sin Alma** e **La Devoradora**, do mesmo De Fuentes, **Vértigo** de Antonio Momplet e **La Mujer de Todos** de Julio Bracho, e também em **La Diosa Arrodillada** de Gavaldon.

Com **Enamorada** Fernández regressa ao tema que percorria em surdina **Flor Silvestre**, o da revolução mexicana. E retoma-o de certo modo da mesma forma: servindo-se da História como tela para um conflito romântico. À partida **Enamorada** padece das mesmas ambiguidades ideológicas de **Flor Silvestre**, isto é procura conciliar os princípios que nortearam os revolucionários que derrubaram a ditadura de Porfirio Diaz com a "recuperação" dos princípios "tradicionais". A revolução mexicana foi uma revolução que ficou a meio caminho, ou melhor, que a meio do percurso foi desviada e esvaziada do seu conteúdo mais radical, com o assassinato de Zapata (mas, no fim de contas, que revolução foi levada até ao fim?). A personagem do general Reyes não podia ser mais sugestiva, pois nela se procura conciliar a mudança com a tradição, o

desejo de igualdade com o reconhecimento da hierarquia, a fé num mundo novo e a recuperação do antigo. Toda a sequência de Reyes na igreja com o seu antigo colega de seminário, o padre Rafael Sierra, é sugestiva, com a conversa sobre o quadro do "Menino com os Reis Magos". E é tanto mais sugestiva se a compararmos com outro frente a frente, que outro militar revolucionário, também interpretado por Pedro Armendáriz, terá no ano seguinte com outro padre, este fugitivo, em **The Fugitive** de John Ford. Com **Enamorada** estamos já com a revolução "institucionalizada", e aquele general é mais uma figura romântica do que histórica (mesmo que se baseie num personagem real, a dar crédito em declarações do realizador, não será mais do que um seu reflexo "idealizado").

Enamorada foi um dos grandes triunfos artísticos e de bilheteira de Fernández e é um dos mais característicos do chamado "estilo" Figueroa na fotografia (para o bem e para o mal). Sucesso que passou as suas fronteiras naturais e fez Hollywood arrebatar as orelhas. Se Maria Félix nunca se deixou seduzir pelo canto da sereia, Armendáriz interpreta logo a seguir três filmes de John Ford (**The Fugitive**, **Fort Apache**, **Three Godfathers**). Mas também o próprio argumento interessava a Hollywood que, como era (e é) seu hábito quis (re)fazer o filme à sua maneira. Em 1949 convidou Fernández para dirigir a "sua" versão, com Pedro Armendáriz retomando o papel do general rebelde e com Paulette Goddard no que coubera a Maria Félix. As diferenças entre **Enamorada** e **The Torch/O Triunfo do Rebelde** não são muitas, mas deixaram, talvez por isso mesmo, um certo gosto a requeimado, além de que Paulette não possuía a forte sensualidade de Maria Félix.

De certo modo coexistem "dois" filmes em **Enamorada**. Ou melhor, Fernández procura fazê-los coexistir. Há uma comédia clássica, que por vezes tem um certo toque de "slapstick" (a cena da porta, com as pancadas que põem as cabeças dos dois à roda, a bomba de carnaval que faz o general cair do cavalo perante o riso dos soldados), e há um filme "épico", que não deixa de lembrar Eisenstein (**Que Viva México!**) e os americanos (um **Viva Villa!** e um **Juarez**). A sequência de abertura é, desde logo, reflexo desta estética "épica". Depois do genérico marcado por um rápido travelling em direcção ao rosto de Maria Félix (sublinhando desde logo a importância da actriz e da personagem), segue-se a dita sequência, um grandioso movimento de dolly (filmado a 60km por hora) que acompanha a cavalgada dos guerrilheiros entre explosões. O mesmo tipo de enquadramentos e movimentos de câmara acompanham as cenas finais, com a saída de Reyes com as suas tropas da cidade, o combate que é ilustrado com planos semelhantes aos do começo e o clássico efeito de "contra-luz" com o general e Beatriz na sua peugada, nova "soldadera" seguindo fielmente o seu amado. Esta sequência não é inédita para o espectador. De facto há aqui uma influência confessa e assumida, que é a do final de **Morocco**, de Josef Von Sternberg, quando Marlène deixa para trás o seu estatuto privilegiado para seguir atrás dos legionários, na companhia das prostitutas, para estar perto do seu amado Gary Cooper. Fernández, porém, não tem a "cruza" ou o "realismo" de Sternberg, e as suas "soldaderas" resultam quase "santificadas". A aproximação, aqui, talvez seja com as prostitutas nos filmes de Ford. Aliás não esqueçamos que no já referido **The Fugitive** reencontramos a actriz de Fernández, Dolores Del Rio, num papel deste género. Mas entre estas duas sequências épicas, estilo que Fernández parece ter tido receio de desenvolver (talvez com razão, porque em **The Torch**, com mais meios e mais acção, os resultados foram menos felizes), o realizador opta por um tom de comédia, centrada à volta de um par em confronto mas predestinado a juntar-se. A rebeldia de Beatriz, a sua energia enfrentando tudo e todos, coloca-a ao lado da Catherine de **The Taming of the Shrew**, sendo Reyes o "domesticador da fera". A habilidade de Fernández está na forma como consegue conciliar os dois tons, o épico e o da comédia que nalguns momentos se assemelha à "screwball". Só quando procura "impor" um determinado discurso ideológico (Reyes com os ricos da aldeia, Reyes e o padre) é que **Enamorada** se torna retórico e convencional. E é isto que separa este filme hábil de uma obra prima como **Bugambilia**.

Manuel Cintra Ferreira